

De Coadjuvante a Vilão: a Narrativa Jornalística sobre João Goulart nas Páginas do Correio da Manhã em Março de 1964¹

Aline Andrade PEREIRA²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O artigo tem por objetivo analisar a narrativa jornalística sobre João Goulart nas páginas do Correio da Manhã em março de 1964. Observamos um movimento crescente de rejeição a partir do comício da Central do Brasil, no dia 13. Partimos de um referencial teórico-metodológico que toma o jornalismo como uma narrativa moderna, repleto de estratégias próprias, e local de produção de sentido. Interessa-nos pensar as estratégias narrativas utilizadas na construção da imagem negativa de João Goulart. Acreditamos que destrinchar os significados destes textos nos ajuda a refletir sobre a teoria e a prática jornalísticas.

Palavras-chave

João Goulart; narrativa jornalística; Correio da Manhã; ditadura civil-militar.

Introdução

O amadurecimento político do país, com a experiência do passado, criou a *confiança na legalidade constitucional. As forças armadas sabem cumprir o seu dever. O povo também. Já não somos uma republiqueta sul-americana de caudilhos providenciais que armam golpes sobre golpes. (...). Ninguém se deixará mais iludir (...) Ninguém de responsabilidade deseja uma quartelada, um putsch ou uma convulsão sangrenta*, que venham prejudicar o desenvolvimento nacional. (CORREIO da Manhã, Editorial, 03/03/1964, p.04, grifos nossos).

O tom otimista, crente na solidez do regime democrático brasileiro de então, chega a ser ironicamente cruel se pensarmos nos desdobramentos que se abateram sobre o país. Ademais, nem de longe guarda semelhança com o discurso alarmista presente no Correio da Manhã nos dias que antecederam o golpe de 64.

Ao nos debruçarmos sobre os jornais daquela época, percebemos uma mudança em relação ao governo João Goulart que vai se acirrando durante o mês de março, especificamente após o comício na Central do Brasil, no dia 13. É fato que João Goulart nunca foi bem visto pela imprensa conservadora, em parte em função de sua herança

¹ Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo, do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) Capes no PPGCOM-UFJF. Doutora em História, Mestre em Comunicação e Graduada em Jornalismo pela UFF. E-mail: alinexpe@yahoo.com.br

trabalhista. Porém, João Goulart é descrito nas páginas do início do mês como um presidente que passou por alguns momentos difíceis durante os dois primeiros anos de mandato, cuja eficiência por vezes deixava a desejar, mas em quem se poderia confiar - lembrando que de setembro de 1961 a 1963 vigorou o parlamentarismo no Brasil.

O artigo tem por objetivo investigar a narrativa jornalística acerca do ex-presidente João Goulart nas páginas do Correio da Manhã nos 30 dias que antecederam a sua deposição. Entendemos como narrativa jornalística uma série de convenções utilizadas pelo jornalismo que produzem sentido (SCHUDSON, 1982; BIRD e DARDENNE, 1993; TUCHMAN; 1993; RESENDE, 2011; MENEZES E AGUIAR, 2014). Para tanto, foram analisadas matérias e editoriais sobre João Goulart durante março de 1964 nas páginas do Correio da Manhã. Através do exame do material, é possível enxergar um país permeado por intensas disputas políticas de diversas facções, aonde vários projetos de reformas vinham sendo pensados para mudança da sociedade. Diante deste cenário, a imagem do presidente nas páginas do Correio da Manhã muda sensivelmente de um homem preocupado com as reformas necessárias ao desenvolvimento do país a um conspirador contra a democracia em um período de menos de um mês.

O que certa historiografia do período tem nos mostrado é que no momento em que Jango assume plenamente a presidência, em 1963 - após plebiscito onde a população escolhe pela volta do presidencialismo - começa a sua luta pelas reformas de base, desencadeando um descontentamento ainda mais forte do que já vinha se manifestando por parte das elites financeiras e industriais do país (DREIFUSS, 1981; AARÃO REIS; 2004; TOLEDO, 2004; FERREIRA, 2003 e 2011).

Diante desse contexto, algumas questões surgem para se pensar o texto jornalístico: em que momento o Correio da Manhã passa a considerar João Goulart uma ameaça à ordem democrática? Como se constrói a narrativa anti-João Goulart nas páginas do periódico carioca de maior relevância naquele período? Quais são as estratégias narrativas utilizadas pelo jornal para transformar o presidente em um vilão em tão pouco tempo? Ou, nas palavras de Motta:

que recursos da linguagem jornalística procuram ancorar os fatos relatados na realidade empírica? O que faz a linguagem jornalística dar a impressão de que as coisas pareçam evidentes? Que artifícios de linguagem “naturalizam” o discurso jornalístico? Que operações lingüísticas realizam a tarefa de convencer o leitor que o texto é uma representação fiel da verdade e da realidade do mundo? (2005, p.10)

Trazemos a cobertura desse importante momento histórico para pensarmos características do jornalismo³. Metodologicamente nos ancoramos em Motta, quando o autor diz que

Pretende-se observar as narrativas jornalísticas como jogos de linguagem, como *ações estratégicas de constituição de significações em contexto*, como uma relação entre sujeitos atores do ato de comunicação jornalística. A narrativa não é vista como uma composição discursiva autônoma, mas como um *dispositivo de argumentação na relação entre sujeitos*. (Idem *ibidem*, p. 4).

Pretendemos deslindar os significados das narrativas jornalísticas envolvendo João Goulart. Cabe ainda ressaltar que o texto que abre essa introdução reverbera tentativas frustradas de golpe em 1955 (quando militares tentaram impedir a posse do presidente Juscelino Kubitschek e do vice João Goulart) e 1961 (quando Jânio Quadros, da UDN, renunciou e ministros militares quiseram impedir a posse de João Goulart, do PTB, lançando mão do parlamentarismo como uma medida conciliatória, tendo se organizado em torno dele a chamada Frente da Legalidade). Daí a necessidade de reforçar a tradição democrática neste editorial.

Narrativa Jornalística nas Páginas do Correio da Manhã

Em janeiro de 1964, o Correio da Manhã publicou um grande anúncio do jornal, ocupando a metade de uma página:

Ideias bem guardadas são as que o Correio da Manhã abriga em suas colunas desde a fundação em 1901, seguindo as tradições de Edmundo Bittencourt e Paulo Bittencourt. E essas ideias são os *sentimentos cristãos* e o *amor à liberdade do nosso povo*, de que o Correio da Manhã se faz o guardião e o defensor intransigente em 62 anos de combates pela *preservação do regime democrático* e do *sistema da livre iniciativa com justiça social e reformas adequadas ao nosso tempo*. O Correio da Manhã *jamais teve compromissos com partidos políticos ou grupos econômicos*. Apóia tanto as justas reivindicações dos trabalhadores quanto os interesses das classes produtoras com a *imparcialidade* e o equilíbrio dos seus editoriais e a firmeza das suas atitudes nas horas graves da nossa História. Correio da Manhã: sempre a serviço do povo, na defesa dos seus direitos (CORREIO da Manhã, 15/01/1964, p.9, grifos nossos).

³ O artigo faz parte do projeto de pesquisa **A veiculação do projeto ideológico do IPÊS na mídia entre 1962-1964** que visa investigar o projeto ideológico do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS) durante os anos de 1962-1964 e suas articulações com a imprensa.

Ao apresentar-se como um jornal imparcial e ao mesmo tempo defensor dos *valores cristãos* e do *sistema da livre iniciativa* - como se estes fossem universais - o jornal escancara uma contradição presente em quase todo o jornalismo contemporâneo: o da suposta imparcialidade que escamoteia posições de classe. Ao naturalizar valores restritos a grupos específicos o jornal já se posiciona ideologicamente ao lado dos mesmos. Ao se declarar sem compromissos com grupos econômicos e defender o liberalismo expõe o seu real ponto de vista.

Tomamos o texto jornalístico como uma narrativa a partir da elaboração de Motta:

As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são *formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação*. O discurso narrativo literário, histórico, jornalístico, científico, jurídico, publicitário e outros participam dos jogos de linguagem, todos realizam ações e performances sócio-culturais, não são só relatos representativos (Op. Cit, p.3, grifos nossos)

Aqui nos ancoramos também em Resende, quando o autor diz que pensar a narrativa como um problema de pesquisa no jornalismo é também demandar uma reflexão de natureza epistemológica. Sendo assim, o pressuposto que adotamos é pela compreensão do jornalismo como lugar de produção de sentido. Nas palavras do autor:

À luz de preceitos como, por exemplo, ser objetivo, este viés hegemônico dos estudos do jornalismo tem a informação como elemento esclarecedor e é nele que o impresso se legitima como instância privilegiada de enunciação na qual prevaleceria a verdade do fato (2011, p. 123).

Entende-se, portanto, que colocar em termos antagônicos fato e narração não parece ser um caminho apropriado para se pensar as características do jornalismo. Outra questão que supostamente separaria radicalmente ficção e jornalismo seria a presença ou não do narrador - como se no primeiro caso ele pudesse ou não participar, mas no segundo ele estivesse ausente, deixando os fatos falarem por si. Nas palavras de Motta:

O discurso narrativo subjetivo (a ficção) distingue-se pela presença (implícita ou explícita) do narrador, de um sujeito que narra. A narração como dispositivo argumentativo é evidente. O discurso objetivo do jornalismo, ao contrário, define-se pelo distanciamento do narrador. Ele narra como se a verdade estivesse “lá fora”, nos objetos mesmos, independente da intervenção do narrador: dissimula sua fala como se ninguém estivesse por trás da narração (Op. Cit, p.8).

Ou seja, a crença em uma suposta realidade sobre a qual o jornalista se debruçaria como mero instrumento não passa de uma falácia. O jornalista encontra-se, da mesma

forma, imbuído de estratégias narrativas próprias da sua prática - como uma suposta ocultação do narrador. Seguimos com Mota:

Assim, o jornalista opera constantemente um processo de *de-subjetivação do real*. A retórica jornalística trata de *dissimular as estratégias narrativas*. O jornalista é, por natureza, um narrador discreto. *Utiliza recursos de linguagem que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar a sua mediação*. É um narrador que nega até o limite a narração. Finge que não narra, apaga a sua presença. Faz os fatos surgirem no horizonte como se estivessem falando por si próprios. Por isso, reconhecer a narrativa jornalística como dispositivo argumentativo torna-se uma tarefa analítica complexa. (Op. Ci., pp. 8-9, grifos nossos)

Tal movimento não implica, contudo, em equivaler o jornalismo a uma mentira bem amarrada a partir de técnicas próprias. O desafio é: “observar as narrativas jornalísticas como jogos de linguagem, estratégias de constituição de significações em contexto, independente do seu caráter real ou fictício” (Idem *ibidem*, p.9).

Seguindo nessa direção, aqueles que alardeiam a objetividade como princípio básico do jornalismo parecem considerar uma dicotomia entre o material (onde residiria uma suposta realidade ou a “verdade dos fatos”) e o simbólico (domínio do subjetivo ou mesmo do não comprometimento com o real). Segundo Resende, “O paradoxo que atravessa o jornalismo (...) é gerado, antes de tudo, a partir do esforço de colocar em relação dois termos antinômicos: o discurso e o real” (Op. Cit, p. 122). Acreditamos que somente a partir da incorporação dessa contradição como estrutural no jornalismo é possível avançarmos na compreensão do campo. Ainda segundo o autor:

As dicotomias geradas no processo de construção de conhecimento sobre o jornalismo – por exemplo, informação x comunicação, conteúdo x forma e objetividade x subjetividade – sempre serviram ao propósito de dividir o campo entre estudos que visam à compreensão ora do jornalismo como técnica e prática ora como teoria (Idem *ibidem*, p. 123).

Destarte, pensar em forma narrativa ao se referir às notícias não invalida o argumento da suposta “realidade dos fatos”, ao contrário: escancara-se a dimensão de disputa evidente nestes campos teóricos e abraça-se essa suposta contradição como inerente ao jornalismo:

Deixar que este viés teórico atravessa o jornalismo significa (re)conhecer as circunstâncias de enunciação como dispositivos de produção de subjetividades e acolher a ideia de que esta produção não se dá senão num processo de luta por poder e legitimidade (Idem *ibidem*, p.129).

Aprofundando nessa seara, uma série de autores enxerga no jornalismo uma espécie de fabulação moderna, repleta de significados para além do conteúdo objetivo narrado. Para Darnton, a forma de se narrar as notícias é proveniente da tradição oral dos contos e fábulas, originalmente destinado a crianças, daí o caráter sentimental, moralista, com ares de superioridade, do jornalismo popular (1990, p. 94). Para Bird e Dardenne, o que os jornalistas chamam de objetividade poderia ser chamado de “fórmula de construção narrativa” (1993, p. 263). Os autores veem a notícia como um “mito” algo entre “entretenimento e informação” (Idem ibidem, p. 266). “As notícias oferecem mais que o facto – oferecem tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias partilhadas” (Idem ibidem, p. 266). Campbell compartilha de perspectiva semelhante ao se referir a programas como o “60 minutes” da CBS como uma “mitologia contemporânea” (1991, p. 1). Os jornalistas se apresentam como personagens dessa narrativa, desempenhando papéis dramáticos e muitas vezes heróicos. Da mesma maneira que características como “coleta de fatos, objetividade, informação” invoca metáforas científicas, os jornalistas poderiam perfeitamente fazer uso de outras, como as da literatura, de “personagens, conflito e drama” (Idem ibidem, p. 4).

Como observa Schudson: “As *rotinas* dos jornalistas não são apenas sociais, emanadas de interações entre funcionários, repórteres e editores, mas são também literárias, emanadas de interações de escritores com tradições literárias” (1992, p. 20). Para o autor, o poder dos *media* não está somente em alardear informações como verdadeiras, mas em “fornecer a forma como as declarações aparecem” (Idem ibidem, p. 2). “A notícia não é ficcional, mas convencional. As convenções ajudam a dar legibilidade às mensagens”. (Idem ibidem, p. 3).

A forma narrativa da notícia cria artifícios de maneira a controlá-la, tornando-os imperceptíveis a ponto de parecerem ao leitor/espectador estar vendo “a realidade dos fatos” (CAMPBELL, 1991, p. 12). Dessa maneira, o jornalismo seria nossa forma contemporânea de contar histórias, nosso mito moderno, que diz mais sobre nós mesmos do que sobre as notícias que relata. Sobre essa questão Mota nos traz um esclarecimento:

Diferente dos romances ou filmes, onde as histórias são integrais e o ciclo cronológico da intriga se completa, as notícias diárias são fragmentos desconexos de sentido, dificilmente contam uma história completa. As notícias são assim, fragmentos dispersos e descontínuos de significações parciais (Op. Cit, p.4)

Portanto, para o autor a tarefa do pesquisador seria, dentre outras, a de recompor o significado destas matérias quando vistas em um conjunto.

O longo mês de março

A matéria do dia 3 de março destaca a visão da UDN sobre a data escolhida para o comício na Central do Brasil: sexta feira 13, dia conhecido popularmente pela fama de agourento. O comício foi organizado por diversas centrais sindicais e contou com a participação de líderes da esquerda, como Leonel Brizola, além do próprio João Goulart. A matéria conta que Adolfo de Oliveira, líder da UDN, destaca que as forças democráticas agora contam com um perigo a mais contra o golpe: o azar. Nota-se, nesta manchete, um tom de pilhéria e de tentativa de desmerecer a manifestação do dia 13 ao colocar em destaque o fato de que a democracia correria risco em função de uma superstição. Adolfo de Oliveira diz ainda que é estranho que no momento em que o Brasil consegue “o reescalonamento das dívidas e a fatal majoração do preço do café o chefe da Nação vai para a praça pública fazer comício sem ser candidato a coisa nenhuma mas apenas para agitar” (CORREIO da Manhã. Líder estranha o comício do dia 13, 03/03/1964, p.2). Vê-se, portanto, o reforço da ideia de que o comício serviria como um palco para exibição de João Goulart.

Ao colocar a fala entre aspas e na boca de um líder udenista o jornal pretende esquivar-se de ser tendencioso. Como nos mostra Tuchman (1993), para se atingir a objetividade os jornalistas utilizariam de algumas ferramentas, dentre estas as aspas para dar a voz a outrem. A opinião sairia supostamente isenta, já que o jornal nada mais fez do que reproduzi-la.

Até o dia 13 as matérias seguem em um tom equilibrado. Tudo muda a partir do dia 13. O jornal do dia 14 de março traz na capa uma grande foto de Jango discursando no Comício da Central e sua mulher ao lado. Na sua fala, salientou a necessidade de reformas de base urgentes e de se rever a Constituição que “é antiquada e não atende mais aos anseios do povo e do desenvolvimento da nação”. Jango anuncia também a encampação de todas as refinarias de petróleo do país, tornando-as monopólio da Petrobrás (CORREIO da Manhã. JG: reforma da constituição. 14/03/1964, p.1).

Na página 8 do mesmo dia uma matéria reproduz na íntegra o discurso de Jango. O texto introdutório destaca trechos em que o presidente disse que “só conquistaremos a paz social através da justiça social”. “A hora é de reformas, pois as atuais estruturas ultrapassadas não mais poderão realizar o milagre de salvação nacional de milhões de brasileiros”. (CORREIO da Manhã. Jango: a hora é das reformas. 14/03/1964, p.8).

Na mesma página uma matéria cita algumas faixas vistas na manifestação: “Reforma Agrária já”, “Jango, assina a Reforma Agrária que cuidaremos do resto”, “A reforma é a solução para o desemprego”. “Para salvar, só reformar” e “nacionalização dos laboratórios farmacêuticos”. “Pedimos cadeia para os exploradores do povo”. “Fora com os tubarões” “Jango: a Ilha das Flores é um paraíso. Ilha Grande para os tubarões”. Um boneco pendurado em uma forca trazia o letreiro “Este é o destino dos gorilas”. “Encampação das refinarias”. “Voto para os soldados, cabos e sargentos”. “Legalidade para o PCB” junto com o símbolo da foice e do martelo. “Solidariedade à Cuba”. “Brizola 65”. “Jango: prepare a caneta para assinar o atestado de óbito do Lacerda”. Nota-se, portanto, uma radicalização do processo, uma aproximação com regimes de esquerda e até mesmo uma certa agressividade em algumas faixas (CORREIO da Manhã. Reformas foram a tônica das faixas. 14/03/1964, p.8).

Também no mesmo dia 14 o Correio traz a notícia diz que Josafá Macedo, presidente da FAREM disse “que os proprietários estão evitando dar o primeiro tiro, mas que reagirão, *‘dispostos a matar e a morrer’*, se for mesmo assinado o decreto da Supra⁴ e os *comunistas* começarem a invadir as terras desapropriadas”. Macedo teria dito que o “comício pode ser a instauração da *guerra civil* oficializada pelo governo” (CORREIO da Manhã. Fazendeiros em armas irão à luta em Minas. 14/03/1964, p. 2). O uso de termos como dispostos a matar ou morrer, guerra civil e as constantes menções ao uso de armas mostram um clima de intranquilidade sendo reforçado pelo jornal.

Na terça, dia 17, já se fala na queda de Goulart: o Ministro da Justiça Abelardo Jurema diz que a oposição fala, mas não tem coragem de tentar o impeachment de Jango (CORREIO da Manhã. Impeachment de JG mobiliza partidos, 17/04/1964, p.1). Na segunda página se fala sobre o risco de um impeachment paralisar o país e há também uma nota oficial do Comando Geral dos Trabalhadores distribuída à imprensa repudiando a idéia (CORREIO da Manhã. Comício marcou rumo definitivo ao governo. 17/04/1964, p.2).

Jango também é acusado de atentar contra a liberdade de imprensa, como podemos ver a seguir:

O Deputado Mac Dowelle Leite de Castro, vice-líder do governo na Assembleia Legislativa da Guanabara, revelou, ontem ao Correio da Manhã, que irá acusar, hoje, o governo federal de tentar amordaçar a imprensa do país, para então a seguir implantar a ditadura e o terror,

⁴ A Superintendência de Reforma Agrária (SUPRA) foi criada pelo governo João Goulart para regulamentar a questão da reforma agrária.

contra o interesse da maioria da sua população (CORREIO da Manhã, Jango acusado de tentar arrolhar a imprensa. 20/03/1964, p.1).

Ao mesmo tempo, o jornal destaca a aproximação com regimes totalitários “Goulart quer mais comércio com URSS” – diz a manchete da primeira página do dia 21 de março. No dia 22 a tônica é a mesma, destacando o que a imprensa internacional vem reproduzindo. O jornal The Times teria dito: “o Brasil enfrenta um problema de ordem pública, porque o presidente João Goulart levou a cabo um *atrevido movimento para a esquerda*, abandonando, repentinamente, o centro, no qual se encontrava há dois anos” (CORREIO da Manhã. Londres vê guinada à esquerda em JG, 22/03/19864. p. 1, Grifos nossos).

No dia 24, uma matéria fala sobre o discurso do deputado Elias do Carmo (UDN-MG) na Câmara Federal sobre a “pregação revolucionária do Sr João Goulart” e do manifesto de alguns chefes militares reformados em favor da democracia. Houve também uma intervenção do deputado Francelino Pereira (UDN-MG) para dizer que o que está preocupando na conduta de João Goulart “não é precisamente a revolução, mas o golpe” (CORREIO da Manhã. Deputado prevê em JG ideia de golpe. 24/03/1964, p.3).

No dia 27, o destaque é para a crise militar que se desenrola: ministérios reunidos no palácio das Laranjeiras para “deliberações a respeito da crise surgida na Marinha de Guerra. Ao mesmo tempo já se verificava prontidão geral nas Forças Armadas e começaram a circular rumores de que seria decretado estado de sítio no país” (CORREIO da Manhã. Crise militar reúne ministério. 27/03/1964, p. 1). Outra matéria, no mesmo dia, relata um manifesto da CGT dizendo que a “a elite da Marinha trama um golpe contra o povo, contra as reformas e contra o presidente da república, aplicando repressões a marinheiros e fuzileiros”. (CORREIO da Manhã. Denunciada trama de golpe pelo CGT, 27/03/1964, p.2).

As matérias fazem bastante uso do recurso das aspas e das citações de outras pessoas como uma forma de turvar a própria posição do jornal e dos jornalistas que ali trabalham, mas ao mesmo tempo, fornecer um significado ao mundo.

Os Editoriais

Ao contrário das notícias, onde a voz do narrador deseja ser apagada deixando os fatos “falarem por si”, nos editoriais existe o consenso de que se trata da opinião do jornal. Vejamos esse exemplo de editorial ainda do início do mês de março:

Não há motivo – nenhum motivo convincente – para que se crie, no Brasil, um clima de intranqüilidade econômica, política e social. As reformas de base se impõem por si próprias. (...)

A grande maioria do povo brasileiro está alerta. Não se deixa iludir pelos falsos apóstolos da direita ou da esquerda. Sabe que o país não se encontra à beira do abismo como é costume dizer-se desde o tempo do Império.(...) A reforma agrária, que é impossível impedir, apesar de todas as delongas (...) (CORREIO da Manhã. Editorial Defesa das instituições.11/03/1964, p.1, grifos nossos).

Vemos neste trecho que o jornal considera infundadas as razões para que se considere o país em crise. Ao mesmo tempo, vemos o jornal afirmar que as reformas de base se imporiam por si mesmas e que a reforma agrária seria inevitável - fatos que não ocorreram no Brasil nem naquela época nem nos 51 anos seguintes – como se não dependesse da força política de João Goulart. Tal posição mudaria radicalmente em cerca de 20 dias.

O editorial destaca ainda que “Mas se existem grandes explorações, grandes assaltos à bolsa do povo, há, como contrapartida, a melhoria do padrão de vida das diversas camadas populares, apesar da miséria e da penúria que se encontram em certos setores”. O risco da radicalização é lembrado, porém o sentimento é de descrença em relação ao rompimento da ordem política. “Mas a tentativa de radicalização, tanto de um lado como do outro, é feita de cima pra baixo, por minorias agressivas, embora barulhentas, que dificilmente conseguirão levar avante os seus propósitos atuais”. Outros episódios de tentativas de golpes são lembrados, sempre se destacando a opção pela democracia feita pelo povo (como em 1955 e 1961).

A assinatura do decreto de desapropriação de terras marginais aos eixos rodoviários e dos açudes é destaque na coluna Mundo Político no dia 12. Porém, agora há uma modificação: somente terras superiores a 500 hectares seriam desapropriadas (e não acima de 100 como no texto original). Ou seja: a medida só afetaria realmente os grandes latifundiários. A coluna fala ainda de uma frente de defesa da constituição que estava sendo articulada pelo líder da UDN A. Cardoso com o intuito de se opor ao que considerava manobras continuistas do presidente João Goulart. Em contraposição a essa frente uma outra, idealizada por esquerdistas, vinha sendo articulada tendo como líder Leonel Brizola.

O editorial do segundo clichê da sexta-feira 13 salienta que o comício foi transformado em um centro político e critica a movimentação em torno do mesmo. “Constitui verdadeiro absurdo que, em pleno regime democrático, um comício possa

provocar o pânico. Criou-se, porém, no país, a expectativa angustiada de uma explosão social”. Em outro trecho: “*Fala-se em golpe, em revolução e em guerra civil. Nada disso acontecerá. Ainda estamos livres do trágico. Mas infelizmente já caímos no ridículo*” (CORREIO da Manhã, Editorial O comício, 13/03/1964, p.6, grifos nossos). Em outro momento do editorial o autor se pergunta:

Quem pode destruir as instituições? Esse grupos de camponeses que invadem terras e logos são forçados a recuar? Os sindicatos rurais ainda em formação? As milícias de fazendeiros? Os líderes sindicais mais afoitos? Evidentemente que não. **Só as forças armadas poderiam mudar o regime. Poderiam em tese, mas de fato não podem** (Idem ibidem, grifos nossos).

A possibilidade de um golpe ou de um rompimento da ordem institucional é vista com descrédito e até mesmo escárnio. O ambiente de agitação e temores é visto como uma produção de minorias. Ao mesmo tempo, o poder das Forças Armadas é reconhecido.

O editorial do dia seguinte tem como título “O último comício”, referindo-se ao desejo de que comícios dessa natureza espetacular não mais se repitam, porém tomando retrospectivamente não deixa de ser sinistramente irônico, quase macabro, já que de fato foi o último comício de Jango, uma vez que ele foi deposto ao final do mês. Nas palavras do jornal:

O sensacional acontecimento do dia de ontem não foi o espetáculo propriamente do comício; foi a assinatura de dois decretos da mais alta repercussão para o país. Dois decretos *de natureza demagógica*: o da SUPRA – embora atenuado – e o da encampação das refinarias de petróleo. E esses decretos não foram assinados no comício – mas já antes, no Palácio (CORREIO da Manhã, Editorial O último Comício, dia 14/03/1964, grifos nossos).

Se anteriormente a assinatura da reforma agrária era vista como um processo inevitável, juntamente a outras reformas de base, agora é descrita como uma medida demagógica. O editorial segue falando sobre os progressos tem o país tem feito nos últimos anos, mas “em calma e de maneira legal: o que é o único caminho certo”. Ressalta que o comício deixou o país em sobreaviso, pois se tratou apenas de pura exibição. O governo estaria tentando se recuperar de dois anos de inércia, mas o faz atentando para as instituições – lembrando mais uma vez que a inércia a que o jornal se refere se deve, em grande parte, à opção pelo parlamentarismo como medida paliativa para que Jango assumisse em 1961. O jornal viu a fala de Jango como pressão em cima do congresso e chama ainda de “guerra psicológica”. O discurso de Brizola foi retratado como

“Provocadora exibição de eloqüência do sr Leonel Brizola” com suas “costumeiras frases pseudo-revolucionárias”. Finaliza dizendo: “E acrescentamos o desejo de que o comício de ontem fique sendo o último dessa espécie. Pois o país precisa de trabalho e de segurança e não de comícios que só fazem contribuir para a intranqüilidade geral” (Idem ibidem, p.6).

Outro editorial diz “A hora exigia um discurso tranqüilizador e ao invés disso pos o Brasil todo de sobreaviso. O discurso, lido sem a devida preparação do espírito, soa com características esquerdistas. Mas não chega a assustar-nos”. O editorial destaca também o tom extremista de Brizola querendo fechar o congresso. “Pelo seu ‘fecha! Fecha!’, o Sr Brizola revelou-se inesperadamente como líder de uma nova Direita. Seu esquerdismo é um equívoco” (CORREIO da Manhã, Editorial Equívocos, 14/03/1964, p. 06).

O dia 20 de março traz um editorial acerca do monopólio da importação de papel cogitado por Jango e como representaria o fim da liberdade de imprensa e uma ameaça à democracia. O editorial fala ainda sobre as recentes Marchas da Família com Deus e do sentimento crescente de repúdio contra Jango (CORREIO da Manhã, Editorial Papel e liberdade, 20/03/1964, p.6).

No dia 31 temos o conhecido editorial Basta! O tom sensacionalista fica não apenas na palavra de ordem, mas também pelo ponto de exclamação usado no título. Este inicia dizendo que o presidente tomou para si a tarefa do Legislativo. E ainda: “Até que ponto contribuirá para preservar o clima de intranqüilidade e insegurança que se verifica presentemente, na classe produtora? Até quando deseja levar ao desespero por meio da inflação e do aumento do custo de vida, a classe média e a classe operária?”. Ao citar classes sociais distintas o jornal ainda tem a pretensão de estar mostrando todos os lados da questão. O editorial continua falando da tentativa de desagregação das forças armadas e sobre o ambiente de “caos em todos os sentidos e todos os setores”. O presidente é ainda acusado de guerra psicológica com o objetivo de “convulsionar o país e levar avante a sua política continuísta. Basta de demagogia para que, realmente, se possam fazer as reformas de base”. Todas as medidas tomadas pelo presidente teriam o objetivo de enganar a boa fé do povo. Em outro trecho o editorial afirma que João Goulart deve terminar seu mandato, porém para isso deverá abrir mão da política atual que está deixando à nação às vésperas de uma guerra civil. Continuando:

A nação não admite nem golpe nem contragolpe. Quer consolidar o processo democrático para a concretização das reformas essenciais de sua estrutura econômica. Mas não admite que seja o próprio Executivo, por interesses inconfessáveis, quem desencadeie a luta contra o Congresso,

censure o rádio, ameace a imprensa e, com ela, todos os meios de manifestações do pensamento, abrindo o caminho à ditadura (da Manhã. Editorial Basta! 31/03/1964, p. 1)

Infelizmente, como todos sabemos, o jornal estava redondamente enganado.

Considerações Finais

O foco do artigo foi investigar a imagem de Jango construída pelo Correio da Manhã no nefasto mês de maio de 1964. Podemos observar através da análise do material que tanto editoriais quanto matérias obedecem ao mesmo trajeto: no início do mês temos um presidente no qual ainda era possível confiar, sendo no máximo acusado de omissão; no final do mês, estávamos diante de um governante pronto a golpear a democracia e rasgar a constituição. A radicalização da narrativa acontece depois do dia 13 de março, data do comício na Central do Brasil, e se intensifica também com a crise entre os militares, no final do mês. O Comício da Central é visto pelos jornais com um marco de radicalização, em função da assinatura do decreto da SUPRA, que regulamenta uma modesta proposta de reforma agrária, devido à encampação das refinarias de petróleo pela Petrobrás e, principalmente, ao discurso mais radical de alguns oradores, como por exemplo, de Leonel Brizola. A derrubada de João Goulart foi vista como uma intervenção salvadora que traria o Brasil de volta ao caminho da democracia. Através de recursos narrativos como o uso das aspas o jornal construiu uma suposta isenção ao cobrir os últimos dias de Jango. Ao mesmo tempo, carregou nas tintas da emoção nos editoriais.

Cabe ainda lembrar que o Correio da Manhã não foi um caso isolado. Todos os grandes jornais brasileiros - exceção feita à Última Hora - apoiaram o golpe em um primeiro momento. Posteriormente, foram retrocedendo em suas posições, inclusive porque começaram a sofrer na carne os efeitos da ditadura, através da censura, na prisão de jornalistas e da presença de censores nas redações. O *mea culpa* viria muito tempo depois. Em alguns casos, a retratação ainda não veio. Não se trata, como muitos apregoam, de revanchismo, mas de passar a História a limpo, de mostrar como a própria sociedade foi conivente com o golpe e a imprensa, como parte da sociedade, fez parte desse apoio. Nas palavras do historiador Daniel Aarão Reis, os militares saíram como a Geni da História.

REFERÊNCIAS:

AARÃO REIS, D. et ali (Orgs). **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

BIRD, S. E. e DARDENNE, RW. **Mito, registo e ‘estórias’**: explorando as qualidades narrativas das notícias. In TRAQUINA, Nélon (org.): *Jornalismo: questões teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

CAMPBELL, R. *60 minutes and the news: a mythology for Middle America*. Urbana e Chicago: Univ. of Illinois Press, 1991.

DARNTON, R. *Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica*. In *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DREIFUSS, R.A. **1964: a conquista do Estado**. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

FERREIRA, J. **Jango: uma biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964**. In FERREIRA, J. & DELGADO, L. A. N. *História do Brasil Republicano*. Vol 3. RJ, Civilização Brasileira, 2003.

MENEZES, M.M. E AGUIAR, L.A. **Disputas de sentido na construção da narrativa jornalística**: um estudo de caso das notícias sobre parto humanizado em uma maternidade pública do Rio de Janeiro. GP Teorias do Jornalismo, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu, PR, 2014.

MOTTA, L.G. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UERJ, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. 2005.

RESENDE, F. **Às desordens e aos sentidos**: a narrativa como problema de pesquisa. In: SILVA, G. KUSCH et ali. *Jornalismo contemporâneo. Figurações, impasses e perspectivas*. Edufba/Compós: Salvador/Brasília, 2011.

SCHUDSON. M. **The politics of narrative form**: the emergence of news conventions in print and television. *Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences.*, p.97-112, Fall 1982.

TOLEDO, Caio Navarro. 1964: “O golpe contra as reformas e a democracia”. Revista Brasileira de História, v. 24, nº 47, p.13-28, São Paulo, 2004.

TUCHMAN, G. **A objectividade como ritual estratégico:** uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In TRAQUINA, Nélson (org.) Jornalismo: questões teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993.

Jornais:

CORREIO da Manhã, 15/01/1964, p.9.

CORREIO da Manhã. Editorial Defesa das instituições, 01/01/1964, p.1.

CORREIO da Manhã, Editorial, 03/03/1964, p.3.

CORREIO da Manhã. Líder estranha o comício do dia 13, 03/03/1964, p.2.

CORREIO da Manhã. Fazendeiros em armas irão à luta em Minas. 14/03/1964, p. 2.

CORREIO da Manhã. JG: reforma da constituição. 14/03/1964, p.1.

CORREIO da Manhã. Jango: a hora é das reformas. 14/03/1964, p.8.

CORREIO da Manhã. Reformas foram a tônica das faixas. 14/03/1964, p.8.

CORREIO da Manhã. Impeachment de JG mobiliza partidos, 17/03/1964, p.1.

CORREIO da Manhã. Comício marcou rumo definitivo ao governo. 17/03/1964, p.2.

CORREIO da Manhã, Jango acusado de tentar arrolhar a imprensa. 20/03/1964.

CORREIO da Manhã. Goulart quer mais comércio com URSS. 21/03/1964, p. 1.

CORREIO da Manhã, Londres vê guinada à esquerda em JG, 22/03/19864, p. 1

CORREIO da Manhã. Deputado prevê em JG ideia de golpe. 24/03/1964, p.3.

CORREIO da Manhã. Crise militar reúne ministério. 27/03/1964, p. 1.

CORREIO da Manhã. Denunciada trama de golpe pelo CGT , 27/03/1964, p.2.

CORREIO da Manhã. Coluna Mundo Político, 12/03/1964, p.6.

CORREIO da Manhã, Editorial O comício, 13/03/1964, p.6.

CORREIO da Manhã, Editorial O último Comício, 14/03/1964.

CORREIO da Manhã, Editorial Equívocos, 14/03/1964, p. 06

CORREIO da Manhã, Editorial Papel e liberdade, 20/03/1964p, p.6

CORREIO da Manhã. Editorial Basta! 31/03/1964, p. 1.